

## **BLOGANDO LINGUAGENS, DEBLOGANDO FRONTEIRAS: INTERAÇÕES**

*João Carlos de Souza Ribeiro* (UFAC)  
[tijomigo@gmail.com](mailto:tijomigo@gmail.com)

O Homem, espécie singular que, aparentemente, domina o planeta em que vive, desde tempos imemoriais, recebera predicativos de toda ordem. Provavelmente, para que todas as gerações, também humanas, é claro, vislumbassem, temporal, espacial e didaticamente, os níveis distintos dessa Humanidade, que, ainda, sobrevive em uma esfera não tão azul quanto a que fora adormecida no princípio das eras, ao ser povoada e descortinar indelevelmente o misterioso universo da comunicação, através de uma linguagem de tons singular.

*Homo erectus*, *Homo habilis*, *Homo faber*, *Homo sapiens*, *Homo sapiens sapiens*, são alguns dos emblemas que recaem sobre o itinerário do ser, que porta um código único e exemplar denominado Linguagem. Linguagem radicada no pensamento e que, em registros helênicos – fundadores inequívocos da cultura ocidental –, já fora compreendida como essência. Desse modo, cabe inicialmente destacar que Pensar e Ser constituíam uma verdade indissociável em tempos remotos; mais precisamente na Grécia de Parmênides, quando o povo das *Hélades* comungava um tópos uníssono e indivisível. Linguagem, que também fora a tradução de uma natureza pautada pelo sentido de *physis*; de uma natureza que, em seus enigmas insuperáveis, reunia todos os seres sob uma teia intrincada de códigos indecifráveis: das estruturas mais simples às mais complexas, respectivamente.

Destarte, a natureza, em seu código *natura*, interagia com o Homem antes da formatação da Linguagem como representação ideográfica, ideológica e icônica da realidade, como é compreendida pelo agente cartesiano, que, hodiernamente, refinou-se como cristal de faces múltiplas, no cimo da comunicação midiática, e por que não afirmar transmidiática?

Neste sequenciamento, ao longo do percurso histórico do *Homo*, em todas as suas versões antropológicas, o modo interativo evoluiu significativa, metassignificativa e plurissignificativamente, elevando-se dos patamares horizontais da percepção fisiológica, e da própria oralidade como recurso linguístico, histórico, e, também, memorialístico, até alcançar os planos midiáticos da Digitalização, quando a comunicação, a-

través do fenômeno da interação *faster and faster*, transverbaliza o próprio sentido de/do Ser. O ser do *Homo*; o Ser – a rubrica universal. A meu ver, o *Homo digitalis*.

A palavra de ordem, portanto, é Interação. Longe dos avatares primevos, que mantinham o elo atômico, ao manter unidos o Homem e uma natureza exuberante, misteriosa e bela; ultrapassando, por sua vez, a visão paradisíaca, que, sobressaltando ao olhar atônito daquele, ratificava, historicamente, o primado da errância, para perder-se numa grande noite e num passado mais do que pretérito a fim de recomeçar o seu trajeto. Itinerário que, gradativamente, foi sedimentado por tecnologias, de toda ordem, segundo seus graus evolutivos.

O Homem que vestiu a linguagem da conexão, ruída *ad eternum*, reinventou-se nas formas mais variadas, ao longo de sua caminhada por estas plagas para suprir o espaço vazio dos primórdios. Assim, o *modus operandi* foi sendo alterado *pari passu* aos avanços daquele na esteira do tempo historiográfico. A ligação simbiótica e inalienável das linguagens operantes – reais, atuais, potenciais e virtuais –, faria despertar, na besta fera, que se apossou, de forma cabal, do logos prometeico, e, por conseguinte, divino, o mais tecnológico dos seres; a criatura mais midiática no perímetro da galáxia descoberta, que compreende firmamentos cósmicos e mitológicos e espaços mergulhados em silêncios mortais, onde a linguagem multifacetada das lendas paira soberana nos termos do Universo. Linguagem que desafia o tempo, o espaço, os limites, os ilimites, além dos indeterminismos dos fenômenos, que transformam a realidade em seu *continuum* fluente e ininterrupto.

Este, indubitavelmente, é o destino do Homem: a busca pela interação. Interação com o seu par mais próximo, interação com os ímpares mais distantes; distorcidos pela atmosfera diáfana e com todas as vozes anônimas, que surgem criptografadas por códigos binários e que jorram nos milhões dos *personal computers*, plantados como árvores artificiais em vasos quase sagrados, nas mesas, nos escritórios e nos lares daqueles que navegam em outra categoria de universo: o Virtual. Virtual que redefine a realidade circundante, esvaziando, sobremaneira, as relações sociais, e que, paulatinamente, parecem estar à deriva, segundo as estruturas clássicas da linguagem, em sua forma verbal, direta e, excelentemente, humana. Virtual que impõe uma guinada, quase mortal, e que fere o homem, que nasceu nas folhas dos livros para representar algo que, paradoxalmente, retorna ao espaço rarefeito e privilegiado das *ágoras*, em uma Grécia tão distante quanto invejável pelos mortais, em tempos pós *high*

*techs*. A saber: o exercício inquestionável da reflexão; o pensar, instância cognitiva, intensa, e que se sobrepõe ao infinitivo da própria existência, virtualmente real. Interações do ser para o ser; do ser com o ser; interações que, fenomenologicamente, são em seu devir permanente.

Pensar, portanto, em tempos de transição, tem sido, freneticamente, o contraponto da Linguagem, que capturou o sentido mais tecnológico do exercício da interação. Qual seja: a linguagem virtual. Componente fascinante que, em sua forma invisível, mas não sobrenatural, atravessa, por meio de *bytes*, circuitos, cabos de fibra ótica, sinais abstratos; portais que reeditaram, em tempos pós – metafísicos, os oráculos que transportaram homens e deuses na Antiguidade para outras dimensões. As dimensões na atualidade são outras. São visíveis, palpáveis; constituídas de plasma que se abrem, fabulosamente, ao leve pousar dos dedos das mãos humanas sobre teclados frígidos, quadriláteros, quase hieroglíficos, mas inteligentes entre si como se fossem pássaros gêmeos. No lugar fantástico do espelho, a imagem do Homem é refletida saborosamente na tela mágica do computador. Monitor que se transformou no grande olho que tudo vê; algo que assombra a verdade legendária de *Hórus*, mas que eleva a Humanidade, na era da comunicação de massa e das massas sem rostos, para um estágio quase deificado através de sua capacidade única para romper barreiras metalinguísticas, portando uma configuração hiper-real, e, desse modo, maciçamente virtual: o modo *on-line*.

Paulatinamente, na arena, um herói, quase invencível e que sobrevivera, em muitas gerações, graças a um passado glorioso de vitórias, ao representar a forma clássica de ser na realidade objetiva, não consegue sustentar o fôlego diante de seu oponente, que se fortalece diante de si, de forma exponencial assombrosa. Neste caso, para além do sentido metafórico, apresentado oportunamente, é imperioso ressaltar que, na contemporaneidade do transmilênio, a questão de ordem não é o confronto entre o modo de ser desta ou daquela linguagem que, em sua emergência, impõe a sua lei fundamental, que é a comunicação plena, redonda, sem quaisquer sinais de interrupção ou ruídos, que possam provocar hiatos, afasias, abismos, distanciamentos ou quedas fatais em precipícios verbais. Ao contrário, sob o signo da urgência, em uma esfera globalizada, onde o tempo parece devorar, com uma saciedade maior do que a hedionda fome que acometeu Cronos, quando este assassina seus filhos, comendo um a um, de forma implacável, os seres da linguagem, que, pouco a pouco, dispensam o painel do *cogito*, embutido em suas mentes, o embate noutras épocas, dividindo plateia e herói, transformou-se em

um processo inatacável e de total assimilação de uma realidade por outra. A linguagem em seu modo tradicional é engolida pelo maquinarismo emergente nos tempos em que o computador ocupa o lugar do *cogito*, das gentes, das relações sociais; e condiciona, em módulos significativos e crescentes, o lugar consagrado do texto. O mundo pós-metafísico estaria assistindo a um “antropofagismo cibernético”?

Tombado no chão insólito e áspero da arena, o herói é vencido por uma nova forma de contemplação da realidade. A Linguagem, viabilizada no modo *on-line*, eclode como forma substancialmente hologramática e navega em tons e subtons impetuosos, cujo acesso garante àquela uma condição para além da pluralidade, que somente poderia ser vislumbrada pelo agenciamento irrefutável da tarefa fluídica do pensar. O abstrato literalmente tornou-se concreto e as mentes mais leigas do planeta, indispondo de teses filosóficas e complexas, deleitam-se profícua e crescentemente com as inúmeras ramificações que a *internet* oferece, através da sua linguagem própria – denominada computacional e restrita ao maquinarismo virtual – e a linguagem que dá o grande salto quântico duma realidade objetiva para uma realidade transobjetiva. Os limites do universo *on line* determinam dimensões não mensuráveis pela linguagem matemática e carregam (*load*) o espaço no qual a Linguagem, em seu verticalismo agudo, flui, converge e navega em sua forma libertária.

A internet, sob a tutela da *www* (*World Wide Web*) reconfigura a realidade das concretudes para remodelar o Real sob novas roupagens. Emergências, ludismo e ilusão patenteiam as novas linguagens, que constroem e desconstroem, meigamente/magicamente, a realidade circundante, na aldeia global; planetarizada pelas redes socializantes, pelos sítios inumeráveis e pelo intercâmbio de informações, sem precedentes, na história da humanidade dos grafismos e da celulose. Tal advento é a prova cabal da grande transição, que possibilitou o ingresso da verdade textual para um ambiente pautado pela efemeridade, pela brevidade. O sopro de vida, que parecia ser da ordem do humano, também adentrou a realidade virtual, pois o texto *online*, qualquer que seja o seu formato, é marcado pelo estigma de morte. O texto navega no espaço virtual como um peixe, que é retirado do aquário e perece, sem ar, abrupta e instantaneamente. Morrem os homens, morrem os seres e os textos desaparecem.

Se, por um lado, a emergência da própria realidade em um *time faster and faster*, imposto pelo conjunto de tecnologias, que, em última análise, formatam o Homem no presente século; por outro lado, a angústia universal, que devora a Humanidade, no rastro obscuro de sua exis-

tência e enclausurada em um enigma insolúvel – a sua origem –, é, incrivelmente, um componente essencial do texto que sobrevive no mundo digital. Mais do que o mérito da verdade no ambiente cibernético, é a brevidade de sua mensagem, que, em oposição à plataforma de lançamento – o papel –, aquela sofre o processo de inversão sistêmica. A não – verdade pode perdurar, artificialmente, no maquinário virtual e a verdade pode desaparecer como poeira estelar. Para ser mais preciso: a verdade, segundo variáveis indetermináveis, pode ser delida, implacavelmente. Assim, a permanência do texto na *internet* não é a garantia de sua verdade.

Desde que a rede mundial de computadores – *www* – redimensionou os perímetros de atuação na realidade do transmídia, derrubando todas as fronteiras para a disseminação da informação, em seu *quantum* e não em seu *qualitas*, os números de quem acessa a *internet*, em busca das mais diversas notícias, e a quantidade daqueles que veiculam a infinidade de dados, mobilizam, progressivamente, olhares críticos, dos mais diversos, a fim de trazer à lume, para além do fenômeno, que é a conexão balizada por milhões de informações, o canal que alimenta e retroalimenta este veículo, que deglute a própria realidade, causando, por conseguinte, um efeito que inaugura, indubitavelmente, um novo tipo de canibalismo; um antropofagismo que responde a estímulos programáticos. O nível de condensação, aglutinação, assimilação, transposição e elaboração da verdade assume outros ares, nos quais o valor a ser conferido àquela está na permanência de seus sintagmas exponenciais no universo *online* e não na verossimilhança de sua verdade, fato que põe a *internet* e as informações publicizadas na realidade virtual como sentenças passíveis de serem falsas. A incredibilidade, portanto, do que é veiculado na *internet* é, de forma inequívoca, um dos muitos pontos de estrangulamento que acometem aquela, e que, ainda, põe em xeque a sua legitimidade como mídia reduplicadora de verdades para agenciar a transformação da realidade circundante na qual o Homem está inserido.

A condição de entretenimento, uma das características do universo *online*, e, portanto, uma das marcas dos milhões de dados que navegam, ininterruptamente, 24 horas por dia, 365 dias, por ano, sobrepujou a qualidade da rede mundial de computadores, que se popularizou, graças ao meio acadêmico, que, na sua origem, era a grande ferramenta para intercâmbio de informações ligadas estritamente ao meio científico; sobretudo, no auge da Guerra Fria, quando o mundo bipolar travava uma batalha dolente e obstinada sob o turno obstinado da espionagem. Iniciava-se,

à época, o confronto colossal entre o poder para deter o maior número de informações, que, em última análise, poderiam favorecer este ou aquele lado, já que o mundo estava dividido geopoliticamente entre os estadunidenses e os soviéticos. Dos tempos originários da *internet*, que assistiu à queda do Muro de Berlim, o esfacelamento da União Soviética e a crise profunda, que atingiu o Capitalismo, distam, consideravelmente, do perfil da *www* no mundo ciberizado, fragmentarizado e, principalmente, multipolar, em tempos hodiernos, onde vozes múltiplas concorrem para a detenção do poder, através não somente da produção maciça de informações, mas, também, na capacidade de alienar, cada vez mais, e em número crescente e na velocidade da luz, o público globalizado que acessa o ciberespaço.

A *internet*, a despeito do desvio sistemático de sua origem, não se livrou da pecha, quase indissociável, que macula a sua imagem diante de uma parcela da população mundial, que não aprova a qualidade dos dados veiculados *online*, pois a falta de credibilidade daqueles se deve, paradoxalmente, à facilidade de acesso, com livre expressão e sem regras minimamente definidas; além da falta de quaisquer obstáculos que impeçam este, aquele, aqueles e/ou aquelas de postarem o que quiserem e quando quiserem na rede mundial de computadores todos os tipos de informações sobre os mais variados assuntos.

Para muitos, a *internet*, nos dias atuais, tornou-se a versão *updated* da Torre de Babel. A confusão, ao que parece, é apenas o *portrait* do homem pós-metafísico, que se fundiu com os *frames* cibernéticos e transformou-se em mais um dos dados a navegarem sem porto e sem destino no universo *on-line*. Na realidade virtual, o Homem tem a condição de ser, pois o acesso é instantâneo e independe de forças externas. Paradoxalmente, o Homem pode deixar de ser para fundir-se com a linguagem hipertextual, interagindo com outras vozes e baseado em verdades múltiplas cuja verossimilhança não obedece a critérios lógicos e filosóficos. No mundo virtual, as máximas aristotélicas sobre a verdade e suas gradações desaparecem; e as sombras platônicas, projetadas na caverna, são meramente lampejos duma luz que simulam o véu imperioso da realidade paralela. No entanto, embora o vocábulo ainda não existisse ao tempo dos filósofos helênicos, a interação já se fazia presente pelo ludismo latente e imanente na linguagem humana. O *modus operandi* concretiza-se com o advento do maquinário digital, mas o fundamento da Linguagem radicaliza o ser em suas questões essenciais.

Neste sentido, ao logar-se na *internet* como *bit* decodificado em

mensagem criptografada, as telas, sejam de LCD ou LED, transformam-se em simulacros biônicos de acentuação pós-moderna. Não há mágicos nem tampouco magias; assim como não há, também, profetas e suas possíveis profecias. Há, com efeito, uma linguagem, que é, inequivocamente, a representação factível do *mutatis mutanti*, e o universo virtual encarna, metaforicamente, a figura atraente, temida e estranha de um camaleão digital.

Os *webloggers*, originariamente, ao se lançarem nas ondas e nas marés crescentes, ao fundarem seus *weblogs* no final dos anos 90, não previram a dimensão do fenômeno em que se transformaram os *blogs*, já apartados, por questões óbvias de economia da própria linguagem, do prefixo *web*. Redundâncias à parte, os autores de *blogs* se multiplicaram tal qual nuvem de gafanhotos virtuais, que varrem o universo *on-line* na rapidez de um instante, e formam, um filão vital para veiculação de informações de toda ordem na *internet*. OS FAQ (*Frequently Asked Questions*) cederam lugar aos *blogs* e, atualmente, as páginas virtuais, que antes eram apenas diários avulsos e personalísticos na rede, tornaram-se canais de transmissão de saber legítimo, abrangendo todas as áreas do conhecimento. Os *blogs*, a despeito do crescimento quantitativo aliado à qualidade, cada vez mais incrementada e criativa, são ferramentas indispensáveis para a obtenção de informações, além de coadjuvarem profissionais de todas as áreas. Atualmente, os *blogs* ultrapassam o número de 120.000.000, em todo mundo, tendo, portanto, um público infinito de leitores, que acessam ou visitam tais páginas virtuais.

Desse modo, a boa confusão na rede desmistifica a Babel em que se tornou a *www* e ratifica o universo *on-line* como a realidade paralela, em tempos pós-cibernéticos, onde a linguagem vaza os espaços ditos fechados, elimina barreiras e aciona, definitivamente, o seu *firewall*, que, neste caso, conjuga força e inovação, através da realidade objetiva – o mundo real. O tráfego é intenso e salutar; é simultâneo e necessário; é eloquente e transformador; é, em última análise, a fotocópia de um ambiente, que atingiu a terceira dimensão e os objetos desafiam seus próprios limites na imagem avassaladora de um holograma. Este é o processo fabuloso do virtualismo, que preconiza na hiper-realidade o ensaio de uma linguagem em aproximação emergente de um mundo sólido, cuja estrutura, sistemicamente, desfaz-se no ar como verdadeiros castelos de areia. O virtual invade o real e as fronteiras são espontaneamente desbloqueadas.

Os *blogs* como ilhas – âncoras de uma linguagem em ascensão no universo *on-line* aparelham o mundo real e invertem a polarização dos

dados, que migraram do Real para o Virtual e retroalimentam a realidade a partir daqueles, ao serem disponibilizados em rede. Se, por um lado, a *internet* parece assumir o papel fantasmagórico das futilidades, todas sob a esteira infinita da indústria do entretenimento; por outro lado, a rede mundial de computadores, com seus atores múltiplos, potencializa núcleos vitais de suportes para a realidade objetiva, ao se tornar mais do que um *HD* que armazena milhões de informações, garantindo, sobretudo, a memória e a otimização de sua veiculação. Outrossim, neste espaço, cujas dimensões não podem ser mensuradas, a Linguagem com sua função transformadora, atuante, renovadora, e que se atualiza, segundo um logos fundamentalmente poético e essencial, constitui-se, para o bem – estar da civilização, a manutenção e a permanência das tribos que agenciam os diversos modos de comunicação. Neste caso, os *blogs* são um dos meios intrigantes, de corpo singular, e que tomou forma e vida próprias, preservando o estatuto operacional da Linguagem, redimensionando-a para além da teia, que é a *Web* em expansão voraz, contínua e circular; crescendo para todos os lados.

Os escritores não morreram; o papel não deixou de existir. Os que manipulam a confortável esferográfica deslizando sobre a folha virgem de papel são aqueles que digitam seus textos e hipertextos nas diversas telas de computador. No Real, a Linguagem; na realidade objetiva, a Linguagem em todas as suas formas e mídias complementares; na realidade virtual, a Linguagem de aparência abstrata. Linguagem fluídica, libertária, efêmera, mas potencialmente significativa. Assim, autores e linguagem formam um conjunto modular; e atraindo para a grande teia o público das gerações *y* e *z* (por enquanto), modelam o novo formato por onde a Linguagem escoia, virtualmente real, para avançar; plenificar-se, e, principalmente, ser ubíqua. Estar com todos; estar em todos os lugares.

A *www* é uma representação simbólica do mundo via *internet*. A teia engoliu o planeta e emaranhada nela está toda a civilização, sem margens ou limites figurativos e configurativos. Tal fenômeno é uma das facetas múltiplas da Linguagem em sua função desbravadora, que finca seu significado em todas as topografias planetárias: as de acento geográfico e as de acento virtual.

Os *blogs*, unidades minimalistas de linguagem e com propostas também tímidas, quando surgiram na rede, alcançaram o *status* invejável de páginas autônomas, densas, coletivas, de prestação de serviços, tanto no que concerne à transmissão de informações, gratuitamente, quanto à maneira como foram criados e alocados na rede, pois as páginas, que e-

ram diários pessoais trouxeram em sua gênese o princípio latente da liberdade. Os *blogs* transformaram-se em unidades independentes, que, sob a máxima da liberdade, veiculam informações de toda ordem, segundo os critérios adotados pelos autores infinitos dessas páginas virtuais. O aparente entretenimento, neste sentido, em verdade, possui outras faces, pois a realidade objetiva – mundo –, aparelhada com suas mídias próprias, é suportada e coadjuvada pela linguagem dos blogueiros ou bloguistas, na condição de escritores ultramidiáticos na hiper-realidade, na qual estão os textos virtuais. O Virtual alimenta o Real e o câmbio de informações, através da interação profícua e ininterrupta, desfaz todas as margens existentes, construindo um elo indissociável das realidades lúdicas, nas quais os dígitos são a diferença cabal e inconfundível.

Ao desbrogar as fronteiras, Real e Virtual caminham para uma convergência ímpar. Os textos, as mídias, a emergência das unidades do maquinário digital, os atores que constroem a rede mundial – *web designers*, escritores *on-line*, público virtual, programadores de linguagem computacional etc. – vislumbra uma realidade, que unificará o mundo real e o mundo dos dígitos em uma dimensão singular, ainda ignota para os internautas geracionais desta atualidade. Será este índice a radicalização da Inteligência Artificial? A humanidade pós-cibernética estará a curva ascendente para decifrar no código criptografado de logos fundacional a partícula que, possivelmente, possibilitará a fusão dos códigos natural e artificial, respectivamente, em módulo singular?

As questões desta ordem, que preconizam a elevação das unidades computacionais em extensão do corpo humano, estão tuteladas, ainda, por teses e hipóteses, não tão distantes da linguagem midiática no universo *on-line*, quando foram pensadas, pesquisadas, testadas até se tornarem realidades. O mote fundamental em todos os momentos deste empreendimento, que põe a Homem na rota da evolução cognitiva sobre o planeta Terra, é a Linguagem. Linguagem que funda todas as realidades existentes; linguagem que opera a comunicação. Linguagem que, na aldeia global, planetária e, quiçá, além dos limites telúricos, funciona, operacionalmente, através da interação.

A interação é o motor principal para que as realidades se aproximem cada vez mais, em um mundo, cujas tecnologias impõem a urgência, o imediatismo e a precisão como tópicos cabais para o avanço e a preservação da espécie humana sobre o planeta, e uma nova janela – *Window* – é aberta diante dos olhos que, provavelmente, podem ser menos humanos. Entretanto, na ação irreversível, que é a comunicação em

sua forma avassaladora, sobre a qual regras e/ou leis são inimputáveis, restou um dado fundamental, uma reminiscência na linhagem dos deuses mitológicos e que escapou de seus domínios para que a Humanidade interagisse com as verdades essenciais: a Linguagem. Linguagem que, um dia, fora a fagulha celestial e que, na Terra, incendiou a mente dos homens para que estes, definitivamente, pudessem acessar os códigos divinos. Luz que plugou o Homem em sua realidade mais visceral, retirando-o do estado *off line* para a realidade *on-line*, ao blogar e desblogar as realidades existentes e as que advirão, através do processo que consagra a linguagem virtual como instrumento de compreensão da realidade do Homem do pós-cibernético; um ser quântico, por excelência.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPRA, Fritoj. *A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

CASSIER, Ernest. *Linguagem e mito*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

COMMELIN, P. *Nova mitologia grega e romana*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.

HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

\_\_\_\_\_. *O ser e o tempo*. Parte I. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. *O ser e o tempo*. Parte II. Petrópolis: Vozes, 1989.

LEÃO, Emmanuel Carneiro et al. Caminhos do pensamento hoje: novas linguagens no limiar do terceiro milênio. *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.